

o guardião

sherrilyn kenyon

Tradução de Rita Carvalho e Guerra

Para L.A. Banks, que faz anos no mesmo dia que eu. Obrigada pela luz que trouxeste contigo durante um dos períodos mais sombrios da minha vida. Estás, e sempre estarás, no meu coração, sinto a tua falta, minha irmã, sentirei sempre.

E para a minha família, por estar presente quando dela preciso. E à Monique, que é uma das melhores editoras com quem já trabalhei. E a toda a minha equipa SMP que torna possíveis estes livros. Que Deus vos abençoe e guarde a todos.

«Todos os homens, quando acordados, estão num mundo comum.
Mas cada um deles, quando adormece, entra num mundo só seu.»

— PLUTARCO

Prólogo

— O INFERNO tratou-te bem?

Seth ergueu os olhos, sob as madeixas do seu cabelo castanho-avermelhado coberto de sangue, rosnando ao som de uma voz que não ouvia há séculos.

Noir.

Deus primevo.

Senhor de todas as coisas sombrias e mortíferas.

Sacana fedorento.

Teria respondido à pergunta idiota, mas a sua boca fora fechada com um ferrolho pelos demónios que o tinham torturado durante os últimos...

Ah, raios, quem conseguiria contar tanto? E por que o desejaria fazer quando cada batimento do seu coração lhe provocava uma dor tão violenta que já não se lembrava de como era viver sem ela? De facto, ao longo dos séculos, a dor tornara-se a sua própria fonte de prazer.

Sim, estou ainda mais lixado do que o Noir.

Devido ao ferrolho, não fora capaz de falar desde que o haviam lançado para ali. Não que pretendesse fazê-lo. Jamais daria a qualquer um deles a satisfação de o ouvirem suplicar ou gritar. Apenas uma pessoa o levara a isso e, mesmo depois de um milénio, as censuras trocistas do seu pai adotivo ainda lhe ecoavam nos ouvidos.

Que se lixassem. Já não era nenhuma criança, e mais depressa morreria

do que se deixaria humilhar uma vez mais ao perguntar por algo que sabia que jamais receberia.

Mas teria insultado Noir se isso lhe fosse possível. Contudo, a única coisa que podia fazer era lançar um olhar carregado de ódio ao ser ancestral e desejar estar na posse de todos os seus poderes para fazer recair a miséria absoluta sobre todos eles.

Com mais de dois metros e dez de altura, Noir fazia tremer de medo os demónios à sua volta. O imaculado fato preto e a camisa branca impecável pareciam deslocados na divisão escura e fria — uma divisão com paredes salpicadas e manchadas com o sangue de Seth.

Noir estendeu o braço e deu-lhe uma palmadinha no rosto, como se fizesse festas a um cãozinho obediente.

— Mmm. Tenho de admitir que o inferno não te fica muito bem. Já te vi pelo menos um bocadinho melhor do que neste triste estado.

— Vai à merda — disse Seth, mas as palavras eram indistinguíveis. O ferrolho impedia-o de mover a boca ou a língua. Tudo o que conseguiu foi lançar através de si um choque de dor agonizante.

Como se precisasse disso.

Noir arqueou uma sobrancelha negra.

— Obrigada? Não consigo imaginar por que me haverias de agradecer tamanha infelicidade. És um tipo doente, não és?

Seth cerrou os dentes. A luz brincalhona nos olhos negros de Noir dizia-lhe que o porco só o proferira para o irritar.

Funcionara. Não que Noir tivesse de se esforçar. O mero facto de... Seth não conseguia pensar num insulto suficientemente mau. De Noir estar vivo, bastava para deixar todos os seus nervos em franja.

Noir olhou de relance para os outros.

— Deixem-nos.

Poderia o tom da sua voz ser mais autoritário?

Oh, sim, esperem. Estamos a falar de Noir. Claro que podia.

E o deus ancestral não precisou de se repetir. Os demónios desapareceram de imediato, aterrorizados com a possibilidade de a ira de Noir lhes conceder a mesma «hospitalidade» que mostrara a Seth. Afinal de contas, Seth fora, outrora, o animal de estimação preferido de Noir — um que enchera de presentes entre os abusos.

O deus sombrio nunca fora capaz de suportar os demónios que o serviam.
Raios, eu também fugiria, se pudesse.

Seth invejava-lhes essa liberdade, enquanto o seu corpo nu pendia,

esgalgado, do teto, com as mãos agrilhoadas por cima da cabeça. Já estava há tanto tempo naquela posição que os ossos dos pulsos se projetavam através dos cortes que as algemas lhe tinham aberto na carne.

Estava certo que lhe devia doer, mas a dor fundia-se com todas as outras, de tal modo que não era capaz de dizer onde começava uma dor e terminava outro latejar. Quem diria que a tortura tinha os seus benefícios?

Uma vez sozinhos, Noir foi colocar-se de novo à frente dele com uma rosnadela tão impressionante quanto fria.

— Tenho uma proposta para te apresentar. Estás interessado?

Nem um pouco. Já tivera a sua quota-parte de negociatas. Não podia confiar em ninguém para cumprir a sua parte. Noir que fosse assar os tomates num qualquer buraco infernal.

Os deuses sabiam que, num lugar como aquele, Noir não teria de andar muito para o encontrar.

Seth afastou o olhar.

Noir emitiu um som de censura.

— Sabes que não tens outra possibilidade que não seja obedecer-me, escravo. *Pertences-me.*

E isso consumia-o ainda mais do que os vermes devoradores de carne que os demónios lhe haviam lançado sobre a pele. Malditos fossem todos. A sua própria família vendera-o a Noir quando não era mais do que uma criança. Era algo que ninguém lhe permitia esquecer.

Como se isso fosse possível.

Noir enterrou a mão no cabelo de Seth e puxou-lhe a cabeça para trás. Uma ação que levou o ferrolho a enterrar-se ainda mais no pescoço e na língua.

A dor súbita encheu-lhe os olhos de lágrimas de protesto, ao mesmo tempo que as feridas antigas se reabriam e o sangue lhe enchia a boca.

Talvez desta vez me afogue nele. Mas ele sabia a triste verdade. Era imortal. A morte jamais o salvaria daquela miséria, tal como não o poupava do restante passado de violência.

A sua única escapatória era a inexistente misericórdia de Noir.

Noir apertou o punho contra o crânio de Seth, puxando-lhe ainda mais o cabelo.

— Preciso dos teus serviços especiais.

Preciso do teu coração fedorento no meu punho fechado.

O sacana sorriu, como se tivesse ouvido aquele pensamento.

— Se me dececionares desta vez, garanto-te que a tua próxima estadia aqui levará a que esta pareça o paraíso. Compreendes?

Seth recusou-se a responder.

Noir arrancou-lhe uma mão-cheia de cabelo quando o libertou. A dor dilacerou-lhe o couro cabeludo, levando os vermes que lhe cobriam o corpo a morderem com uma ferocidade ainda maior, enquanto corriam em direção ao sangue fresco.

A respiração de Seth tornou-se entrecortada, enquanto cerrava o maxilar com ainda mais força, tentando impedir-se de gemer de agonia absoluta e implacável. Fechou os olhos com força e lutou contra a onda de inconsciência que ameaçava consumi-lo. Eles faziam ainda pior quando ele desmaiava.

Não o façás, idiota. Concentra-te...

Maldito sejas, fica acordado!

Agarrou-se às correntes quando a sua visão oscilou.

Noir dirigiu-lhe um sorriso azedo que não lhe chegou aos olhos.

— Deixar-me-ás orgulhoso e obterás o que pretendo, caso contrário...

Não terminou a ameaça. Não precisava de o fazer.

Estavam ambos mais do que conscientes de que Seth faria qualquer coisa para não ter de regressar a este triste estado de existência. Apesar de toda a sua bravata, sabia a amarga verdade.

Tinha sido vergado pela sua crueldade.

E jamais seria o mesmo.

Não restava nada dentro dele para além de um ódio tão profundo, tão enraizado, que o conseguia provar. Aquele ódio amargo, misturado com o ferrolho de aço e o sangue — fora tudo o que o alimentara durante os últimos séculos.

O sorriso de Noir tornou-se genuíno.

— Eu sabia que acabarias por ceder. — Estalou os dedos.

Os grilhões que prendiam as mãos de Seth abriram-se. Ele caiu do teto, aterrando sobre as pernas. No entanto, todos aqueles anos de abusos e falta de uso impediram-nas de suportar o seu peso.

Desabou no chão, jazendo tão fraco que não era capaz, sequer, de erguer a cabeça. Não havia parte alguma do seu corpo que funcionasse. Já não usava os seus músculos há demasiado tempo.

Noir pontapeou-o no estômago com força suficiente para o virar de costas. Revirando o lábio, dirigiu um esgar a Seth.

— És nojento, cão patético. Lava-te. — Depois desapareceu na escuridão.

Seth continuava caído no chão, a boca ainda fechada com um ferrolho. Pestanejando com força, fitou o seu sangue nas paredes que o rodeavam. As

sombras da divisão pareciam fazer dançar as manchas de sangue. E sob a luz tremeluzente viu os contornos do seu corpo nu, dilacerado.

Tudo porque fizera um acordo com a única pessoa a quem alguma vez chamara amigo.

Não voltarei a ser tão estúpido.

Porque ninguém o ajudara. Nem por uma vez. Não em todo aquele tempo. Nem uma única entidade lhe fora oferecer qualquer tipo de compaixão ou consolo... nem mesmo um pedido de desculpas.

Um gole de água...

Também aquela era uma lição que recordaria.

O que quer que Noir lhe pedisse, fá-lo-ia. Sem perguntas. Sem misericórdia. Qualquer coisa para não ter de regressar ali e continuar a ser magoado.

Só um minuto de paz... por favor. Seria pedir demasiado?

Com a sua determinação formada, preparou-se para as vagas de dor e ergueu-se lentamente sobre os membros trémulos enquanto sentia os seus poderes a regressarem, finalmente. A cada batida do seu coração, ia ficando mais forte. Ainda assim, não atingiriam todo o seu potencial.

Nunca.

Noir jamais o permitiria. Ou ele ou Azura, um deles privaria Seth dos seus poderes sempre que estes se tornassem demasiado fortes.

Mas ele tinha o suficiente para conseguir, por fim, cobrir-se de roupas e erguer-se ereto, ainda que os seus passos se mantivessem instáveis. E, quando os demónios regressaram, aplicou-lhes o castigo que mereciam.

Estes imploraram por clemência. Mas já não lhe restava nenhuma. Não depois de eles terem violado implacavelmente cada parte dele, a ponto de não se recordar de um momento em que o seu corpo não latejasse devido à sua tortura. Minuto a minuto, durante incontáveis séculos, tinham roubado brutalmente qualquer resquício de humanidade que alguma vez houvesse possuído.

Nada apagaria isso e ele jamais voltaria a confiar noutra alma. Acontecesse o que acontecesse. Que os deuses ajudassem quem quer que Noir quisesse atacar através dele.

Pois não mostraria piedade alguma.

Capítulo

UM

O INFERNO tinha muitas conotações, cada uma delas tão única quanto o indivíduo que a definia. Para uma pessoa, a ideia de estar encurralada para toda a eternidade num vídeo do Michael Bolton era o epítome do horror. Para outra podia ser estar presa num elevador com alguém que falasse demasiado alto a um telemóvel, sendo incapaz de esventrar essa pessoa por tamanha falta de educação.

Para Lydia Tsakali, o inferno era a escuridão que a rodeava e que ecoava com os gritos dos condenados a serem torturados. Não era apenas a sonora infelicidade das suas súplicas por misericórdia, a seres que não queriam saber, que o tornava tão mau, eram as recordações que esses gritos evocavam. O terror assombante de algo em que nunca mais queria voltar a pensar. Há muito enterrados, esses *flashbacks* daquela noite na sua vida, e as emoções cruas que expunham, ainda tinham a capacidade de a fazer cair de joelhos.

Não penses nisso.

Como poderia não pensar? Aquela noite fora a última em que tivera uma família que a amara. Depois, como agora, tudo aquilo que conseguia ver era a escuridão opressiva que lhe magoava os olhos. Uma escuridão que exercia tamanha pressão contra ela que temera ficar cega para além de muda. E quando, por fim, atravessara a escuridão para ver a luz, tudo o que encontrara fora sangue e terror...

Já não és nenhuma cria.

Não, era um chacal adulto. Mais do que isso, era uma guerreira bem treinada com mais de mil anos de combates no seu currículo. Não havia uma única alma em Azmodea que a pudesse magoar.

Esqueces-te de Noir.

Muito bem. Havia uma.

Então e Azura?

Está bem, duas... Mas não fazia mal. Já tivera de enfrentar probabilidades piores mais vezes do que aquelas que era capaz de contar. Sim, mas não tinham os poderes de um deus primevo.

Importas-te? Estás a tentar transformar-me numa cobarde?

Estou a tentar que ganhes juízo antes que seja demasiado tarde. Não vivemos este tempo todo deixando que nos comessem por parvos — não com todas as pessoas que nos têm tentado matar. E porquê? Por Solin? Ele chacinar-te-á quando descobrir que fizeste isto.

Que tipo de idiota és tu?

Aparentemente uma idiota com um fornecimento ilimitado de estupidez. Se tivesse sido outra pessoa que não Solin ali encurralado, ela jamais teria feito aquilo.

Mas amava-o demasiado para o abandonar àquele fim. Ele acolhera-a quando mais ninguém o fizera. Treinara-a e mantivera-a a seu lado. Ensinara-a a sobreviver e a lutar. Sem ele, estaria morta.

Até ele te chamaria estúpida por causa disto.

E chamaria mesmo.

A gentileza é um fruto podre que envenena todos os que dele comem. Atira-o ao rosto dos teus inimigos e deixa que os destrua antes a eles.

Quantas vezes lhe tinha ele dito aquilo?

No entanto, apesar do ódio que ele transportara no seu coração e a que tantas vezes dera voz, criara-a como a uma filha querida. Nem por uma vez fora avaro no seu amor, na sua paciência ou na sua gentileza.

Não com ela.

Quanto aos outros... Viam um lado dele que raramente era virado na direção dela. Graças aos deuses.

A personalidade é definida pelas suas inconsistências, não pelas suas consistências. Mais uma citação preferida de Solin. *É o que nos torna únicos e é quem somos.* O som da sua voz na cabeça dela era o suficiente para a fazer sorrir apesar do perigo que enfrentava.

Tenho de o encontrar.

Ele iria à procura dela, se ela precisasse.

Sim, pois.

Mas ela sabia, no seu coração, a verdade que negava o que a mente lhe tentava dizer. Solin estaria sempre presente para ela. Para ela, *era* um herói.

Algo se moveu à sua esquerda. Lydia estacou quando a sua hiperaudição se apercebeu do som ligeiro. A vaga de adrenalina despertou os seus outros sentidos. As suas narinas abriram-se quando o novo odor a atingiu. Masculino. Demónio.

Perto.

Não respire... Não respire...

Não porque ela não quisesse ser detetada. Mas porque o fedor seria nojento para um ser humano. Para um Predador mestiço ia para além de doloroso. Apertou o nariz com os dedos para bloquear a entrada do odor.

Ainda assim, conseguia cheirá-lo. *Não vomites...*

Que raio? Será que os demónios tomavam banho em merda? Odiava ser tão obscena, mas sinceramente... O que teriam os demónios que os tornava tão nauseabundos?

Do nada, ele surgiu diretamente à sua frente. Um sorriso curvava os seus lábios rugosos.

— Ora, ora... O que temos aqui? Não me tinha apercebido de que havia pedido uma entrega. Que simpático da tua parte...

Morreres por mim. Ela terminou a frase na sua cabeça, ao mesmo tempo que o agarrava pelo pescoço e lhe interrompia as palavras.

Mas quando avançou para o apunhalar, ele evaporou-se das suas mãos numa neblina roxa e malcheirosa.

Raios.

Lydia girou sobre si mesma num pequeno círculo na escuridão, tentando concentrar-se e localizá-lo antes que ele dissesse a mais alguém que ela ali estava. Já não o conseguia cheirar ou ouvir.

Aquilo, sem dúvida, não era bom. Pelo menos não para ela.

Um guincho penetrante afogou os gritos dos outros. Ela tapou os ouvidos com as mãos. Era mesmo daquilo que ela precisava. Tímpanos a sangrar.

O guincho tornou-se ainda mais sonoro.

Estava a aproximar-se.

Algo duro bateu-lhe nas costas, deitando-a abaixo.

Embora o mero pensamento a dilacerasse, baixou as mãos dos ouvidos e sacou do outro punhal. *Aqui, demónio, demónio... vem buscar o que te é devido.*

O som deslizante desviou-se para a sua direita. Correu na sua direção

movendo os braços na esperança de atingir o que quer que fosse que ali estivesse.

Em vez de o fazer sangrar, fez-se sangrar a si própria ao chocar contra uma porta de ferro fechada que se fundira na perfeição com a escuridão.

Filho da... Ela silvou perante a dor que explodia através do seu crânio. O sangue jorrou-lhe do nariz.

Pontapeou a porta que a ofendera.

Para sua surpresa, esta abriu-se repentinamente, rangendo nas dobradiças. A luz jorrou para o espaço onde estava confinada, cegando-a temporariamente. Pestanejou até os seus olhos se terem adaptado, em seguida franziu o sobrolho ao ver a tubagem luminescente que iluminava a partir do teto viscoso sobre ela. Que bizarro. Fazia-a pensar vagamente num *glowstick*, mas aquele fluido era mais espesso e de um vívido e fantasmagórico azul.

Agora conseguia ver as paredes húmidas que pareciam sangrar e respirar. Revirou o lábio numa expressão de desagrado. O que era aquilo?

Aposto que é daqui que vem o cheiro.

Não. Só o cheiro de demónio podia ser tão abominável. E por falar em demónios, o dela parecia ter desaparecido por completo.

Onde andas tu, sacana?

Com a sorte dela, fora buscar os amigos.

Mas essa não era a sua principal preocupação. Onde estava Solin? Tentara repetidamente usar a sua telepatia para o contactar, mas o que quer que o estivesse a manter preso bloqueara essa capacidade. Nem sequer através do estado onírico conseguia chegar até ele. O que, tendo em conta os poderes de ambos, não deveria representar um problema.

Tinha a sensação de estar completamente só. Fazia-a pensar naquelas semanas, durante a infância, em que não tivera ninguém. Do tempo que passara a cambalear através do deserto escaldante em busca de água...

Estamos sempre sozinhos. Podemos estar numa sala apinhada e, ainda assim, sentir a dentada da solidão. Pessoalmente, acho que esta é ainda mais profunda quando há pessoas por perto. Mais uma das frases que Solin repetia eternamente.

Ele era sempre tão pessimista.

Ela dobrou a esquina e estacou.

O demónio fedorento estava de volta.

E como ela temera, fora buscar os seus amigos...

Muitos amigos. Talvez duas ou três dezenas. E mal a viu, os seus olhos

demoníacos iluminaram-se e radiaram de uma cor ainda mais forte do que os tubos brilhantes. Mais valia terem baba a escorrer-lhes dos queixos.

Corre!

Ela não era nenhuma cobarde, mas só um tolo enfrentaria um tão grande número sem apoio. E ela não era nenhuma tola. Depois de ter lançado o seu punhal contra o mais alto, virou-se e correu na direção oposta tão depressa quanto lhe foi possível. Esperava que o seu punhal tivesse feito contacto e, pelo menos, tivesse conseguido derrubar um deles. Mas não ia ficar à espera para descobrir.

Regra número um numa perseguição: nunca olhar para trás.

Em vez disso, baixou a cabeça e continuou, tão depressa quanto lhe era possível. Poderia ter assumido a sua forma de chacal, mas podia precisar dos seus polegares oponíveis caso se deparasse com outra parede invisível.

Deslizou ao contornar uma esquina, passando para um novo corredor. Ali a luz não era tão brilhante, mas era suficiente para a deixar ver onde estavam as paredes e as portas.

Infelizmente, não a deixou ver o solo. Ou a coisa que a fez tropeçar.

Por um momento, voou pelo ar até aterrar de rosto no chão. A água pútrida salpicou-lhe a pele, ao mesmo tempo que a dor lhe latejava no joelho, no estômago e no rosto.

Ergueu-se e limpou a água imunda e o sangue. Embora lhe doesse, obrigou-se a recomeçar a correr.

Salta daqui.

Podia escapar àquele reino por agora, e depois regressar de novo para as suas buscas.

Pelo menos era nisso que estava a pensar até ter ouvido algo familiar por detrás da porta à sua esquerda.

— Vai-te lixar e ao teu cãozinho.

Solin.

Teria reconhecido aquele tom mordaz e a profunda pronúncia grega em qualquer lado. Sorrindo, apesar da sua dor, abriu a porta pronta para o combate.

Aquilo de que não estava à espera era do gigante... o que quer que fosse que o estava a tentar comer. O demónio, uma massa de pele verde-escura com marcas vermelhas, virou-se para ela.

E aquele salivava, de facto, enquanto os seus olhos amarelos a prendiam com um olhar obsceno que a deixou francamente arrepiada. *Nem nos teus melhores dias, pá!*

— Lydia? — perguntou Solin, incrédulo. Fora espancado com tal brutalidade que, não fora pela voz, jamais teria sido capaz de o identificar. — Criança, o que estás a fazer? Põe-te a andar daqui, enquanto podes.

Não sem ti. Dado que não podia falar com a sua voz, enviou-lhe os seus pensamentos.

— Ensinei-te melhor do que isso. Regra de Sobrevivência Número Um.

Salva o teu traseiro, acima de todos os outros. Conhecia-a bem. Mas alguém que seguisse essa regra não diria a quem o fora salvar para fugir antes de ter sido libertado.

Era clássico Solin.

Erguendo o punhal, ela correu para o demónio. Este movia-se muito mais depressa do que deveria ser possível a algo do seu tamanho. Com um movimento impressionante, escapou por completo ao seu ataque e apanhou-a por trás.

Lydia tentou libertar-se dos seus braços. Era como ser afogada em gelatina pegajosa. Gelatina com o fedor de três meses fora de prazo.

O demónio riu-se das suas tentativas inúteis. Como se isso não fosse suficientemente mau, lambeu-lhe o rosto.

— Mas que pedacinho saboroso que tu és.

Lydia estremeceu. *Pelos deuses, será que nenhum de vocês ouviu falar em pastilhas para o mau hálito?* Não era por nada, mas os *Mento's* eram capazes de fazer umas boas massinhas por ali.

Atirou a cabeça para trás, batendo no nariz dele, e pelo menos dessa vez ele satisfê-la com um gemido profundo.

— Vais lamentá-lo. — Ele ergueu-a e atirou-a de novo ao chão.

Ignorando a dor que dizia que, provavelmente, partira alguma coisa, Lydia saltou de novo, endireitando-se.

— Não faças isto, Dee. Não faças.

Lydia ignorou Solin enquanto ela e o demónio se moviam lentamente em círculos.

Precisamente quando ela se ia lançar num novo ataque, o demónio desapareceu, tal como o outro tinha feito. Tudo o que restava era o seu fedor. *Isso* era algo que teria dispensado de boa vontade.

Virou-se para o procurar. Mas antes que pudesse fazer mais do que inspirar, ele surgiu atrás dela e, com um pontapé, projetou-a contra a parede.

Uma nova agonia trespassou-lhe o corpo turvando-lhe a vista.

O demónio agarrou-a.

— Está tudo terminado para ti, gatinha. — Apertou-a com mais força, esmagando-a até não lhe restar ar nos pulmões.

Os ouvidos dela começaram a zumbir.

Precisamente quando estava certa de que ele a mataria, ouviu um grito sonoro que ressoou nas paredes.

— Liberta-a, demónio. Já!

Sem dúvida que não se tratava de Solin. Aquela voz masculina profunda e grave era única e estava repleta de uma raiva inimaginável que provinha de um qualquer espaço escuro dentro dele. O sotaque era diferente de todos aqueles que já ouvira. Liricamente doce e belo, mas ao mesmo tempo duro e autoritário.

O demónio libertou-a e encolheu-se de terror. A reação fez apenas com que o pânico dela aumentasse. Se algo tão assustador como aquele ser temia o recém-chegado, que hipóteses teria ela?

Mas não era uma cobarde. Se ia morrer, seria a lutar até ao seu último fôlego.

E levaria tanto dele com ela quanto lhe fosse possível.

Tossindo, virou-se, encostando as costas à parede para enfrentar aquela nova criatura. Limpou o suor dos olhos e concentrou-os na porta em frente à qual se erguia o estranho.

Ficou de queixo caído quando o seu olhar se focou na forma gigantesca banhada por aquela fantasmagórica luz azul.

Santa mãezinha...

Estou mesmo morta.